

## A SUPERSTIÇÃO E A COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO DE JOGADORAS DE HANDEBOL

Rafael Castro Kocian<sup>1</sup>  
Ligia Lopes Rueda Kocian<sup>2</sup>  
Rubens Venditti Junior<sup>2</sup>

<sup>1</sup>GEPPEM/CeCAES/IFSULDEMINAS (campus Muzambinho)

<sup>2</sup>UNIP (campus São José do Rio Pardo)

### Resumo

O esporte nos dias atuais passou por muitas transformações e traz consigo uma forte luta pela vitória e conseqüentemente, para se chegar a esse objetivo, o aprimoramento das metodologias de treinamento, tático, técnico, físico e psicológico. Junto com esse movimento, que é baseado em pesquisas e produção de conhecimento, temos o fator superstição, que faz parte não somente da cultura brasileira, mas da cultura esportiva, fazendo com que muitas pessoas acreditem que somente a devoção e o apego a certas crenças resolvam os problemas de uma modalidade esportiva. O objetivo do presente trabalho foi verificar se as atletas escolares femininas, participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, possuem algum tipo de superstição para a prática esportiva e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa baseada pelas Ciências Humanas, como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário aberto que continha um cabeçalho de identificação e três questões mistas, sendo possível assinalar as opções sim, não e às vezes. Nossos sujeitos eram atletas da categoria infantil, participantes da Final Estadual das OCESP (Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo), que ocorreu no ano de 2009 na cidade de Jaboticabal-SP. Nossos sujeitos eram 14 meninas entre 14 e 17 anos praticantes de handebol. Encontramos que 64% acreditam em alguma superstição (sim ou às vezes), e 36% não acreditam nisso. Cerca de 50% acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida (somando sim e às vezes), e que 100% dos treinadores dos sujeitos desenvolvem trabalhos com a psicologia do esporte, mas nenhum voltado diretamente para a parte de superstição. Podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, uma parcela significativa das atletas acredita em superstição e que esta crença interfere no resultado final, sendo assim é de extrema importância o desenvolvimento de um trabalho voltado à psicologia do esporte.

**Palavras chave:** estados emocionais e movimento, esporte escolar, superstição.

### THE SUPERSTITION AND SCHOOL SPORTS COMPETITION: A CASE STUDY OF HANDBALL PLAYERS

#### Abstract

The sport today has undergone many changes and brings a strong fight for victory and thus to achieve that goal, improvement of training methodologies, tactical, technical, physical and psychological. Along with this movement, which is based on research and knowledge production, we have the superstition factor, which is not only part of Brazilian culture but culture of sport, causing many people to believe that only the devotion and attachment to certain beliefs resolve the problems of a sport. The aim of this study was to determine whether the female school athletes, participants in the Olympics Colleges of the State of São Paulo, have some kind of superstition for sports and believe that superstition interferes in the final outcome of the match. We work with a qualitative study mapped out by the Human Sciences, as an instrument of data collection used a questionnaire which contained an identification header and three mixed questions, and you can check the boxes yes, no and sometimes. Our subjects were athletes from the child category, participants of the final state of OCESP (Olympics Colleges of the State of São Paulo), which occurred in 2009 in the town of Jaboticabal. Our subjects were 14 girls between 14 and 17 years practicing handball. We found that 64% believe in any superstition (yes or sometimes), and 36% did not believe it. About 50% believe that superstition interferes in the final outcome of the game (and sometimes amounting yes), and that 100% of the subjects develop coaches work with the psychology of sport, but none directly back to the party of superstition. We can conclude that within the group studied, a significant proportion of athletes believe in superstition and belief that this interferes with the end result, so it is extremely important to develop a work focused on the psychology of sport.

**Key words:** emotional states and movement, school sport, superstition.

### 1. Introdução

Ao recordarmos vários fatos de nossas vidas, especialmente em eventos especiais, verificamos que o fator superstição geralmente está presente, por exemplo, durante a Copa do Mundo de futebol muitas pessoas assistem aos jogos com a mesma roupa para "dar sorte", na virada do ano optam por uma determinada cor de roupa pois acreditam que algo relacionado ao uso da cor poderá acontecer. Essas situações podem ilustrar muito bem o intuito desse estudo e ajudar a refletir o que acontece em diversas situações do

cotidiano, dentro e fora do esporte. A escolha da cor da roupa, o trajeto a ser feito, passar ou não passar embaixo de escadas, ter cuidado para não quebrar um espelho, etc., tudo isso são crenças que fazem parte do senso comum. Vale realizar uma reflexão e um questionamento: será que isso não ocorre no esporte? Considerando que o esporte possa ser uma representação da vida cotidiana é plausível que sim.

O objetivo do presente trabalho foi verificar se as atletas femininas da modalidade handebol, participantes das Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, possuem algum tipo de

superstição para a prática esportiva e se acreditam que a superstição interfere no resultado final da partida. O trabalho justifica-se na premissa de que a superstição por parte das pessoas quer sejam participantes do esporte ou não é algo marcante na atual sociedade e que merece uma atenção maior da comunidade científica, uma vez que pouco se estudou sobre o fato e, de certa forma, é necessário produção de conceitos que ajudem aos envolvidos diretamente com o esporte, atletas, treinadores, etc., a ter uma proposta de trabalho em psicologia do esporte, pensando no desenvolvimento desse tema atrelado ao rendimento esportivo.

### A superstição e o esporte

Diversas histórias são contadas diariamente pelos noticiários de jornais, revistas, rádio e televisão, mostrando que muitos atletas, treinadores, torcedores e outros participantes dos eventos esportivos têm algum tipo de superstição e acreditam que isso pode auxiliar com que a equipe ou o atleta que esteja em questão tenha um resultado mais favorável.

Para Toledo (2002), a superstição é uma crença em algo que não se adequa a uma lógica formal, racional ou científica e que normalmente se baseia em tradições populares ou crenças simbólicas individuais estabelecidas e relacionadas com um acontecimento de sucesso ou fracasso, como por exemplo, o fato de um esportista utilizar sempre a mesma cor de uma peça de roupa, ou então realizar sempre a mesma oração antes da partida. Um bom exemplo prático é do ex-jogador e técnico de futebol, Mário Jorge Lobo Zagallo, o maior campeão de futebol em Copas do Mundo, que sempre atrela o sucesso do seu trabalho ao número 13 e sempre tenta utilizar esse número nos jogos em que participa, seja na camiseta, seja contando o número de letras dos nomes das equipes envolvidas, seja na data da partida, número de entradas do estádio, etc.

Assim como Zagallo, diversos outros atletas e treinadores possuem superstições e crenças em forças sobrenaturais, alimentando esperanças de que essas forças auxiliem no desenvolvimento do trabalho esportivo. Conforme a crença das pessoas a superstição pode ser mais forte ou mais branda, o fato é que de certa maneira para alguns atores do esporte isso pode ser tão marcante e importante, quanto os treinos físicos, técnicos, táticos ou psicológicos. Segundo Daolio (1998), muitos treinadores brasileiros são contraditórios, pois atribuem mais sucesso a superstição do que ao trabalho por ele desenvolvido, tecnicamente, fisicamente e taticamente.

Para Kocian (2009), dentro do ambiente de concentração esportiva encontramos muitas vezes um momento exclusivo para o desenvolvimento das crenças e rituais que visam trazer bons fluidos durante a partida.

Curiosamente esse momento que deveria ser de reflexão a respeito da partida que está por vir, acaba sendo um espaço de cerceamento da liberdade dos atletas e de práticas supersticiosas individuais e em grupo.

Daolio (2005) traz que para compreender esse fenômeno devemos estar contrados nas ciências humanas, especialmente na antropologia social, pois estudar o futebol e todas as crenças a ele relacionadas é estudar o povo brasileiro, uma vez que as histórias de ambos se confundem e se entrelaçam. Para o autor, as expressões supersticiosas e religiosas estão compreendidas da mesma maneira, uma vez que muitas vezes buscam o mesmo sentido: trazer sorte, proteção, bons fluidos, etc.

Em uma pesquisa realizada em 1993, Jocimar Daolio constatou que muitos atletas negavam categoricamente que eram supersticiosos, porém, no decorrer das entrevistas realizadas e da observação do trabalho, notou que muitas práticas supersticiosas cercavam desde o treinamento até os grandes jogos que esses atletas participavam. Dessa maneira o presente estudo buscou compreender a superstição focada nos atletas escolares aqueles que em tese compõem a base esportiva nacional e que muitas vezes não conseguem ter a mesma metodologia de treinamentos como atletas profissionais, mas que buscam resultados expressivos, guardadas as proporções, assim como os atletas profissionais, ou seja, enquanto um profissional busca ser campeão nacional da modalidade e não mede esforços para isso, muitos escolares não medem esforços para ganhar o campeonato municipal inter-escolas.

### 2. Métodos

Trabalhamos com uma pesquisa do tipo qualitativa balizada pelas Ciências Humanas, principalmente a Psicologia, Sociologia e Filosofia. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos um questionário aberto que continha um cabeçalho de identificação e três questões mistas, sendo possível assinalar as opções sim, não e às vezes.

Nossos sujeitos eram atletas da categoria infantil, participantes da Final Estadual das OCESP (Olimpiadas Colegiais do Estado de São Paulo), que ocorreu no ano de 2009 na cidade de Jaticabal-SP. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e garantido sigilo absoluto aos dados pessoais das atletas, que ficaram no anonimato. Após coletadas as informações, os dados foram analisados, tabulados, distribuídos graficamente e discutidos.

O cabeçalho era composto pela idade do participante e tempo de atuação na modalidade handebol. As questões trabalhadas no questionário eram as seguintes:

1) Você possui alguma superstição antes da partida? Existiam as opções, sim, não ou talvez.

Por isso existia uma sub pergunta: Qual? Você acredita que ter alguma superstição interfere no resultado final da partida? Existiam as opções, sim, não ou talvez e após isso existia uma sub pergunta: Por quê? Seu treinador prepara a equipe psicologicamente para a partida? Existiam as opções, sim, não ou talvez e após isso existia uma sub pergunta: O que ele faz?

## Resultados e Discussão

Após a coleta de dados é necessário configurar quais são os sujeitos da nossa pesquisa, sendo que para isso foi utilizado um questionário de identificação (idade e tempo de atuação). Analisando os dados obtivemos 14 participantes, que variavam a idade entre 14 anos, a mais nova, e 17 anos, a mais velha. Com relação a modalidade praticada, obtivemos três modalidades coletivas: basquetebol, handebol e futebol. Já com relação ao tempo de prática o menor tempo encontrado foi de um ano e o maior tempo de prática era de oito anos, para facilitar a leitura dos dados agrupamos as faixas etárias em três faixas: de dois a cinco anos de prática, de seis a nove anos de prática e por fim, mais de seis anos de prática. A tabela a seguir mostra alguns dados que configuram o perfil de nossos participantes.

Participantes			Tempo de Atuação		
Idade	nº	%	Tempo	nº	%
14 anos	2	14%	Até 1 ano	3	21%
15 anos	3	21%	De 1 a 2 anos	5	36%
16 anos	5	35%	De 2 a 3 anos	3	21%
17 anos	4	29%	Mais de 3 anos	3	21%
Total	14	100%	Total	14	100%

Tabela 1 Perfil dos participantes da pesquisa

Vale ressaltar que a média de idade dos participantes foi de 15,8 anos e a média do tempo de prática dos participantes é de 2,42 anos. Após realizar a identificação das participantes, analisamos especificamente nas questões que foram trabalhadas para atingir o objetivo desta pesquisa.

A primeira questão trabalhada com as atletas escolares foi: Você possui alguma superstição antes da partida? Qual? Como trabalhamos com opções de respostas em sim, não e as vezes, obtivemos os seguintes resultados, conforme a tabela abaixo.

Superstição Antes da Partida		
Sim	07	50%
Não	05	36%
As vezes	02	14%

Tabela 2 Superstição das atletas antes da partida

Conforme os dados apresentados, verificamos que somados os atletas que afirmam

que têm alguma superstição com os atletas que citam somente as vezes, chegamos ao número de 64%, ou seja, a maior parte das atletas escolares acreditam em alguma superstição no esporte, um número muito representativo e que nos mostra claramente que é necessário desenvolver algum trabalho para que não fiquem presos somente a superstição.

Podemos destacar alguns dados retirados do texto, como por exemplo "tenho que usar duas meias se não não jogo direito" (sujeito 3), ou então, "uso uma munhequeira preta para dar sorte" (sujeito 10). "tenho que jogar com um determinado top" (sujeito 6), que representa credences populares a respeito de sorte, relacionados aos trajes utilizados. É importante destacar outra fala, "entro com o pé direito e faço o sinal da cruz três vezes ao entrar em quadra." (sujeito 6), mostrando para nós uma evidência ao encontro com a fala de Daolio (2005), onde superstição e religião se misturam. Outros atletas trazem superstições ligadas a um lado do corpo, "tenho que começar tudo com o lado direito do corpo". Esses dados nos mostram que algumas atletas se apegam a certas credences que de alguma forma os auxiliam no decorrer da partida.

Na segunda questão foi perguntado as atletas se elas acreditam que ter alguma superstição interfere no resultado final da partida? Por quê? Como trabalhamos com opções de respostas em sim, não e as vezes, obtivemos os seguintes resultados, conforme a tabela abaixo:

Interferência no resultado final		
Sim	04	28%
Não	07	50%
As vezes	03	22%

Tabela 3 Interferência da superstição no resultado final da partida, na visão dos participantes.

Analisando os dados coletados verificamos um dado surpreendente, que se somarmos as respostas sim e as vezes, chegamos a o percentual de 50% de meninas que acreditam que a superstição pode alterar o resultado final de uma partida. Dois dados desta análise nos chamam muita atenção, o primeiro é quantas atletas escolares acreditam que realmente a superstição altera o resultado final da partida, sendo de extrema importância para a comissão técnica trabalhar com esses dados para que não fiquem simplesmente a mercê do fator sorte, deixando de lado os trabalhos físicos, técnicos, táticos e psicológicos. Um segundo dado interessante é verificar que, comparado com a pergunta anterior 14% das atletas que responderam ter alguma superstição acreditam que ela não interfere no resultado final, uma parcela expressiva que acredita que a superstição apenas é um ritual do jogo, sem interferência.

Uma das atletas que acredita que as vezes pode alterar o resultado nos traz a seguinte fala "talvez a pessoa fique com aquilo na cabeça e

esquece do que é capaz de fazer" (sujeito 8), outra fala interessante é do sujeito 7, que traz "pode ser uma coisa sem sentido, que fica na nossa cabeça e acaba até atrapalhando", já a participante 13 nos traz "às vezes acredito mais na superstição do que em mim mesma", essas falas referem no fato de que alertamos no parágrafo anterior, é importante um acompanhamento de perto do treinador, uma vez que essa postura pode interferir diretamente no rendimento da atleta. Uma atleta que acredita que não há interferência no resultado final é a participante 14, "o jogo depende do trabalho que fazemos dentro de quadra, a superstição é sorte, é lucro".

Um outro destaque podemos passar é ligado a questão religiosa, que é passado pela participante 02 "não devemos acreditar em coisas mágicas, devemos acreditar na única pessoa que nos dá força, o único que guia nosso caminho que é Jesus, ele nos dá sorte", conforme Daolio (2005), novamente a superstição aparece indissociável ao credo religioso das atletas.

Algumas atletas acreditam piamente na superstição e outras nem tanto, são os casos respectivamente do sujeito 10 e 04, "sempre que não uso minha munhequeira eu jogo mal e às vezes minha equipe também", "em vezes que eu faço meus rituais e não dá certo!".

Para finalizar nossa pesquisa, fizemos uma última pergunta que visou levantar se o treinador da equipe prepara as atletas psicologicamente para a partida? O que ele faz? Da mesma maneira que nas questões anteriores havia possibilidade da resposta, sim, não e às vezes. Conforme a tabela abaixo, coletamos os seguintes resultados:

Trabalho psicológico da equipe		
Sim	12	78%
Não	0	0%
As vezes	11	22%

Tabela 4. Relato dos participantes sobre a psicologia do esporte.

Conforme os dados levantados, podemos concluir que uma grande parcela das atletas acredita que o treinador desenvolve algum trabalho psicológico com a equipe em questão. Se analisarmos as respostas sim e as vezes, podemos concluir que a totalidade dos sujeitos da pesquisa acredita que o treinador desenvolve algum trabalho psicológico com a equipe em questão. Considerando a evolução do esporte e a necessidade do olhar psicológico ao esporte porém, quando analisamos as respostas para pergunta do que o treinador faz para preparar as atletas verificamos o outro lado da moeda, muitas ações são ligadas ao trabalho psicológico e até a parte motivacional, sugerimos que uma intervenção em psicologia esportiva transcrita podemos

utilizar a fala do sujeito 02 "ele nos cobra muita força de vontade em quadra, se quisermos ser atletas de handebol temos que ser muito motivadas", o que não necessariamente seja uma intervenção balizada pela psicologia do esporte, mas talvez uma ação tática, técnica ou física.

Outro dado interessante é que apenas uma atleta cita em sua fala que o treinador trabalha questões supersticiosas, apenas o sujeito 12 cita "conversa com todas para passar mais confiança, que não chegamos aqui por sorte, para não desmerecer nenhuma equipe e transmite tranquilidade", o que mostra uma intervenção interessante se pensarmos do ponto de vista da superstição.

Merece destaque a fala da participante 1 "fazemos uma reflexão em grupo, nos faz fechar os olhos pensar em algumas situações que ocorrem com a equipe e depois conversamos em grupo sobre o tema", essa fala nos mostra um trabalho diferenciado em relação ao levantamento com outros colegas, que citavam somente motivação e gritos do banco, mostrando um tipo de intervenção individual e em grupo para repensar algumas atitudes do grupo, transformando assim as possibilidades de tomada de decisão.

Para finalizar fechamos com as palavras da participante 08 "nosso time é movido a emoções", o que mostra como a questão emocional e da psicologia do esporte é importante no esporte cotidiano.

#### 4. Conclusão

Após a análise e discussão dos dados coletados, podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, o fator superstição é muito forte nas atletas escolares, tanto na execução dessa prática e mais ainda na crença de que efetivamente a superstição pode alterar o resultado final de uma partida. Assim como exposto na revisão de literatura é impossível dissociar aspectos de credence popular e sorte do fator religioso, conforme apresentado nos dados coletados. A crença em um ente divino, um ser superior, que guia e auxilia também é forte entre as atletas escolares. Por fim, é importante ressaltar que a maioria das atletas diz que o treinador desenvolve trabalho com a psicologia do esporte, mesmo que não saibam conceituar exatamente a maneira como o professor trabalha.

Sugerimos, ao término deste trabalho, que os profissionais das ciências do esporte iniciem um trabalho voltado para a psicologia do esporte, especificamente a questão da superstição e o esporte, uma vez que muitos atletas acreditam nessa premissa e que de repente podem ficar "cegos" acreditando que a preparação esportiva se resume a oração, galho de arruda, dentes de alho, números da sorte, etc.

Sugerimos também, um aprofundamento desta pesquisa em nível de esporte e alto



mento, em modalidades femininas, em modalidades individuais e outras instâncias do esporte competitivo.

#### Referências Bibliográficas

- DAOLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. *Lectures Educación Física y Deportes*, 3 (10) 1998. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd10/daolio1.htm>. Acesso em 12 de mar. 2010.
- \_\_\_\_\_. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, J. (org.) **Futebol, cultura e sociedade**. 1ª edição. Campinas: Autores Associados, 2005.
- DIAN, R. C. **Concentração nas Olimpíadas Esportivas do Estado de São Paulo: estudo de caso sobre a reclusão esportiva à luz da Psicologia do Esporte**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, 2009.
- LEDO, L. H. **Lógicas no Futebol**. 1ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, Fapesp, 2002.

#### Informações do Autor

Dr. Sc. Rafael Castro Kocian  
José Fernandes Lopes, 300.  
Rua Margarida. São José do Rio Pardo-SP  
13720-000  
E-mail: [rafaelkocian@gmail.com](mailto:rafaelkocian@gmail.com)  
Telefone: (13) 9147-1235 / 8815-8315

PEM (Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte e do Movimento)  
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais  
IFDEMINAS (campus Muzambinho)